

Será Que a Bíblia é um Guia Confiável Para a Alegria Duradoura?

Será que Deus existe?

Livros inteiros têm sido escritos sobre porque a Bíblia é digna de confiança.

Contudo, por causa do nosso próprio senso de integridade, devíamos rever porque firmamos nossa esperança na mensagem deste livro.

Começemos com o nível mais básico de fé religiosa. Eu creio em Deus.

Pode haver razões familiares e sociais para como vim a ser assim, do mesmo modo que há razões sociais e familiares para porque você é como é. Todavia, quando tento ser razoável e testar a fé em Deus que herdei, não consigo fugir da sua realidade.

Imagine-me tentando voltar atrás um trilhão de anos para ver como era a realidade original. Qual era a sua natureza? Há a possibilidade de que a realidade original era uma pessoa ou um gás. Como o que era originalmente sempre existiu, não há absolutamente nenhuma causa que pudesse ter decidido que a realidade original fosse um gás e não uma pessoa. Todo ser humano razoável tem de admitir que as chances são iguais.

Muitas religiões, muitos deuses

Assim, quando penso onde a felicidade permanente pode ser achada, sou levado a buscar por ela em um relacionamento com deus — o criador pessoal de todas as coisas. Nada me parece ser mais razoável do que que a felicidade permanente jamais será encontrada por uma pessoa que ignora ou se opõe a seu criador. Fico sempre perplexo com pessoas que dizem crer em Deus mas vivem como se pudessem encontrar a felicidade dando-lhe dois por cento da sua atenção. Com certeza o fim das era revelará que isso é absurdo.

No entanto, uma vez que começamos a buscar nossa felicidade no relacionamento com deus, somos confrontados com muitas alegações e religiões diferentes. Por que deveríamos basear nossa esperança na afirmação de que a Bíblia cristã é uma revelação verdadeira de Deus? Minha resposta fundamental é que Jesus Cristo — o centro e somatória da Bíblia— ganhou minha confiança com sua autenticidade, amor e poder. Vejo sua autenticidade e amor no relato das suas palavras e ações, e vejo seu poder especialmente em sua ressurreição.

Ouvindo os testemunhos sobre Cristo

Você não precisa crer que a Bíblia é infalível para descobrir que ela apresenta uma pessoa histórica de qualidades incomparáveis. Na verdade, a maneira mais razoável de se aproximar da Bíblia pela primeira vez é ouvindo aberta e honestamente os vários testemunhos que ela traz sobre Cristo, para ver se esses testemunhos e essa pessoa se autenticam. Se sim, o que eles e Cristo dizem sobre a Bíblia em si assumirá uma nova autoridade, e é bem provável que você acabe aceitando toda a Bíblia (como eu!) como Palavra inspirada e infalível de Deus.

Mas você não precisa começar com isso.

O Cristo incomparável

Deixe-me ilustrar o que quero dizer com a mensagem auto-autenticadora de Cristo e seus testemunhos. Os relatos bíblicos apresentam Jesus como um homem de amor incomparável por Deus e pelo ser humano. Ele ficou irado quando Deus foi desonrado pela falta de religião (Mc 11.15-17), e quando o ser humano foi destruído pela religião (Mc 3.4, 5). Ele nos ensinou a sermos pobres de espírito, mansos, com fome de justiça, puros de coração, misericordiosos e pacificadores (Mt 5.3-9). Ele nos exortou a honrarmos a Deus de coração (Mt 15.8) e a nos desfazermos de toda hipocrisia (Lc 12.1). E praticou o que pregava. Sua vida foi resumida como "fazendo o bem e curando" (At 10.38).

Ele tirou tempo para as criancinhas e as abençoou (Mc 10.13-16). Ultrapassou barreiras sociais para ajudar mulheres (Jo 4), estrangeiros (Mc 7.24-30), leprosos (Lc 17.11-19), prostitutas (Lc 7.36-50), cobradores de impostos (Mt 9.9-13) e mendigos (Mc 10.46-52). Lavou os pés dos seus discípulos como um escravo e ensinou-os a servir em vez de ser servidos (Jo 13.1-17). Mesmo quando estava exausto, seu coração comoveu-se de compaixão com a multidão que o apertava (Mc 6.31-34). Mesmo quando seus próprios discípulos fraquejaram e estavam a ponto de negar e esquecê-lo, ele quis estar com eles (Lc 22.15) e orou por eles (Lc 22.32). Ele disse que sua vida era um resgate para muitos (Mc 10.45) e, quando foi executado aos trinta e três anos de idade, orou pelo perdão dos seus assassinos (Lc 23.34).

Jesus não é somente retratado como cheio de amor por Deus e pelas pessoas, mas também é apresentado como totalmente confiável e autêntico. Ele não agiu com autoridade própria, para ganhar louvor mundano. Dirigiu as pessoas para o seu Pai no céu. "Quem fala por Si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça" (Jo 7.18). Ele não tem o espírito de um egomaníaco ou um charlatão. Parece estar completamente em paz consigo mesmo e com Deus. Ele é autêntico.

Isso é evidente na maneira que viu o que havia por trás da dissimulação das pessoas (Mt 22.18). Ele era tão puro e tão atento que não podia ser apanhado em armadilha ou encurralado em um debate (Mt 22.15-22). Tinha surpreendente ausência de sentimentos em suas exigências, mesmo em relação àqueles por quem tinha uma afeição especial (Mc 10.21). Nunca atenuou a mensagem da justiça para aumentar seu séquito ou granjear favores. Até seus opositores ficaram atônitos com sua indiferença em relação ao louvor humano: (Mc 12.14). Jamais teve de retirar uma afirmação, e não pôde ser denunciado por ter agido mal (Jo 8.46). Era manso e humilde de coração (Mt 11.29). O que tornava tudo isso surpreendente era a autoridade discreta mas inconfundível que emanava de tudo o que dizia. Os funcionários dos fariseus falaram por todos nós ao dizer: "Jamais alguém falou como este homem" (Jo 7.46). Havia algo inconfundivelmente diferente nele: "Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mt 7.29).

Suas afirmações não eram as declarações abertas de poder mundano que os judeus esperavam do Messias. Mas, mesmo assim, eram inconfundíveis.

Apesar de ninguém o entender na época, não houve dúvidas de que ele dissera: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei" (Jo 2.19; Mt 26.61).

Eles acharam que era absurda a afirmação de que ele sozinho reconstruiria um edifício que estivera em obras há quarenta e seis anos. Mas ele eslava declarando, em sua maneira tipicamente velada, que ressuscitaria — e por seu próprio poder.

Em seu último debate com os fariseus (Mt 22.41-45), Jesus os silenciou com esta pergunta: "O que vocês pensam sobre o Messias? De quem ele é descendente?". Eles responderam: "De Davi". A isto, Jesus citou Davi no Salmo 110.1: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". Depois, com autoridade apenas levemente velada, Jesus perguntou: "Se Davi lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" Em outras palavras, para quem tem olhos para ver, o filho de Davi é muito mais do que o filho estavam ali. "Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas. A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão" (Mt 12.41, 42). Essa forma de declaração velada perpassa tudo o que Jesus disse e fez.

Além disso, ele dava ordens aos espíritos maus e eles lhe obedeciam (Mc 1.27). Declarou perdão de pecados (Mc2.5). Conclamou pessoas a deixar tudo e o seguir para ter vida eterna e um tesouro no céu (Mc 10.17-22; Lc 14.26-33). E fez a declaração impressionante de que "todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10.32, 33).

Será que estou raciocinando em círculos?

Talvez alguém diga que estou raciocinando em círculos. Não estou presumindo que o retrato que a Bíblia traça de Jesus é confiável, argumentando a favor dele? Não exatamente. O retrato que esbocei não está restrito a um só escritor, nem (como poderia dizer um estudioso crítico) a alguma camada particular de tradição. Não importa o quanto você se aprofunda em um estudo crítico dos evangelhos, você nunca encontra um Jesus histórico substancialmente diferente daquele descrito aqui. Em outras palavras, você não precisa presumir que os relatos são confiáveis. Você pode presumir que eles não são, se você quiser. Porém quanto mais rigorosamente você os analisar com um procedimento histórico justo, mais você concluirá que não existe nenhuma instância entre o Jesus histórico e o Jesus dos evangelhos em que este homem inigualável foi criado por artifício humano. Em outras palavras, não estão partindo da suposição de que os evangelhos são inspirados ou infalíveis. Estou tentando mostrar que certo retrato de Jesus é comum a todos os testemunhos, e vai tanto para trás quanto a crítica histórica pode ir.

O que você acha de Jesus?

Como explicar essa harmonia e antiguidade? Será que algum gênio criativo desconhecido tomou um homem comum, Jesus, e inventou seus atos de poder e suas palavras de amor, autoridade e autenticidade, para depois apresentar este Jesus inventado a uma igreja, com tal poder de engano que muitas pessoas estiveram dispostas desde o começo a morrer por esse Cristo de ficção? Mais que isso: temos de crer que todos os escritores de evangelhos engoliram a invenção — e isso no espaço de várias décadas, enquanto muitos que conheceram o Jesus real ainda viviam! Essa suposição é mais razoável e bem fundada do que a afirmação direta de que um homem real, Jesus Cristo, realmente disse e fez as coisas que os testemunhos bíblicos disseram dele?

Você tem de decidir por Si.

A meu ver, um inventor desconhecido desse Jesus é mais incrível que a possibilidade de Jesus ser real. Por isso, para mim a pergunta passa a ser:

O que achamos de um homem que deixa um legado como esse?

Não posso moralmente contá-lo entre as pobres almas enganadas que sofrem de ilusões patológicas de grandeza. Nem posso contá-lo entre os grandes vigaristas da história, um enganador que planejou e orquestrou um movimento missionário mundial com base em uma fraude. Pelo contrário, vejo-me constrangido a reconhecer sua veracidade. Tanto minha mente como meu coração veem-se levados a jurar lealdade a este homem. Ele conquistou minha confiança.

A evidência da ressurreição de Jesus

Ao lado desta linha de evidências devemos pôr a evidência da ressurreição de Jesus. Se ele não ressuscitou, mas seguiu pelo caminho de toda carne, as implicações extraordinárias da sua Palavra e sua vida dão em nada. Mas se ele venceu a morte, suas afirmações e sua natureza ficam provadas. E seu ensino sobre a Bíblia torna-se padrão para nós. Sem entrar em detalhes, quero mencionar seis coisas que fundamentam minha certeza de que Jesus ressuscitou.

1) Jesus deu testemunho da sua própria ressurreição futura.

Dois testemunhos separados confirmam de maneiras diferentes a afirmação que Jesus fez em vida que, se seus inimigos destruíssem o templo, ele o reconstruiria em três dias (Jo 2.19; Mc 14.58; cf. Mt 26.61). Jesus também falou figuradamente do "sinal de Jonas" — três dias no coração da terra (Mt 12.39, 40; 16.4). Por isso, a credibilidade de Jesus aponta para a realidade da ressurreição futura. E ele referiu-se mais uma vez a ela em Mateus 21.42: "A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular".

2) O túmulo estava vazio na páscoa. Há quatro maneiras possíveis de explicar isso.

Seus inimigos roubaram o corpo. Se esse foi o caso (o que eles nunca afirmaram), eles certamente teriam mostrado o corpo, para deter a expansão bem sucedida da fé cristã na própria cidade em que a crucificação aconteceu. Mas eles não puderam mostrá-lo.

Seus amigos o roubaram. Este foi um dos primeiros rumores (Mt 28.11-15). Será que isso é provável? Poderiam eles ter dominado os guardas junto ao túmulo? E, mais importante que isso, será que eles teriam começado a pregar com tanta autoridade que Jesus ressuscitou, sabendo que isso não era verdade? Teriam eles arriscado sua vida e aceitado ser açoitados por algo que sabiam ser uma fraude?

Jesus não estava morto, apenas inconsciente quando o colocaram no túmulo. Ele acordou, removeu a pedra, dominou os soldados e desapareceu da história, depois de alguns encontros com seus discípulos, em que os convenceu de que tinha ressuscitado. Nem os inimigos de Jesus tentaram seguir esse caminho.

Ele estava obviamente morto. A pedra não podia ser removida de dentro por um homem que passara seis horas pregado a uma cruz e fora perfurado lateralmente por uma lança.

Deus ressuscitou Jesus. Isso era o que ele disse que aconteceria. Foi o que os discípulos disseram que aconteceu.

Contudo, enquanto houver uma possibilidade remota de explicar a ressurreição de modo natural, as pessoas de hoje dizem que não devemos pular para uma explicação sobrenatural. Será que isso é razoável? Eu não acho. É claro que não queremos ser ingênuos. Mas também não queremos rejeitar a verdade só porque ela é estranha. Temos de estar cientes de que nossos compromissos a essa altura são muito afetados por nossas preferências — ou pelo estado de coisas que resultaria da verdade da ressurreição, ou pelo estado de coisas que resultaria da falsidade da ressurreição. Se a mensagem de Jesus abriu você para a realidade de Deus e a necessidade de perdão, por exemplo, então os dogmas contrários ao sobrenatural podem perder seu poder sobre sua mente. Poderia ser que essa abertura não é preconceito a favor da ressurreição, mas liberdade do preconceito contra ela?

3) Os discípulos foram transformados quase imediatamente de homens sem esperança e medrosos depois da crucificação (Lc 24.21; Jo 20.19) em testemunhas confiantes e corajosos da ressurreição (At 2.24; 3.15; 4.2). Sua explicação era que tinham visto o Cristo ressurreto e recebido autorização para ser suas testemunhas (At 2.32). A explicação divergente mais popular é que sua confiança fora causada por alucinações. Há numerosos problemas com tal noção:

Por um lado, alucinações, via de regra são algo particular, mas Paulo escreve em 1Coríntios 15.6 que Jesus "foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora". Estavam disponíveis para serem questionados.

Além disso, os discípulos não eram ingênuos, mas céticos desconfiados tanto antes como depois da ressurreição (Mc 9.32; Lc 24.11; Jo 20.8, 9, 25),

Mais que isso, será que o ensino profundo e nobre dos que viram o Cristo ressurreto é material de que se faz alucinações? O que dizer da grande carta de Paulo aos Romanos?

4) A própria existência de uma igreja crescente que conquistou o império apoia a verdade da afirmação da ressurreição. A igreja espalhou-se pelo poder do testemunho de que Jesus ressuscitou e que Deus com isso o tornara Senhor e Cristo (At 2.36). O senhorio de Cristo sobre todas as nações está baseado em sua vitória sobre a morte. Essa é a mensagem que se espalhou por todo o mundo. Seu poder para transpor barreiras culturais e criar um novo povo de Deus foi um testemunho poderoso da sua veracidade.

5) A conversão do apóstolo Paulo apoia a verdade da ressurreição. Ele argumenta diante de uma audiência parcialmente não simpática em Gálatas 1.11-17 que seu evangelho vem do Jesus Cristo vivo. Seu argumento é que, antes da sua experiência na estrada para Damasco, ele era totalmente contrário à fé cristã. Mas agora, para surpresa de todos, está arriscando sua vida pelo evangelho. Sua explicação: o Jesus ressurreto lhe apareceu e autorizou a ser o ponta de lança do trabalho missionário entre os gentios (At 26.15-18). Podemos acreditar neste testemunho?

Isso nos leva ao meu último argumento em favor da ressurreição.

6) As testemunhas do Novo Testamento não levam a chancela de tolos ou enganadores. Como você dá crédito a uma testemunha? Como você decide acreditar ou não no testemunho de alguém? A decisão de dar crédito ao testemunho de alguém não é como completar uma equação matemática. A certeza é de outro tipo, mas pode ser igualmente firme (eu confio no testemunho da minha esposa de que ela é fiel).

Quando uma testemunha está morta, podemos basear nosso julgamento apenas no conteúdo dos seus escritos e no testemunho de outras pessoas sobre ela. Como Pedro, João, Mateus e Paulo se qualificam? A meu juízo (e, a esta altura, podemos viver de modo autêntico apenas por nosso próprio juízo — Lc 12.57), os escritos destes homens não se parecem com obras de pessoas ingênuas, fáceis de serem enganadas ou de enganarem. Seus conhecimentos da natureza humana são profundos. Seu compromisso pessoal é sóbrio e exposto com cuidado. Seus ensinamentos são coerentes e não se parecem com invenções de homens instáveis. Seu padrão moral e espiritual é elevado. E a vida destes homens, como transparece em seus escritos, é integralmente dedicada à verdade e à honra de Deus.

Jesus é a revelação autêntica de Deus

Estas, então, são algumas (não todas!) das evidências que fundamentam minha confiança em Jesus como a verdadeira revelação de Deus. Antes de eu tentar explicar como isto me leva a acreditar em toda a Bíblia como palavra de Deus, deixe-me dar-lhe uma exortação pessoal.

Sempre que um cristão conversa sobre a verdade da fé com alguém que não é cristão, toda solicitação, por parte do que não é cristão, de provas do cristianismo deve ser respondida com uma solicitação, igualmente séria, de provas da filosofia de vida do que não é cristão. De outro modo, ficamos com a impressão falsa de que a cosmovisão cristã é insegura e incompleta, enquanto as cosmovisões mais seculares são seguras e certas, acima da necessidade de prestar contas filosóficas e históricas de Si mesmas. Isso não é o caso.

Muitas pessoas que exigem de nós cristãos que aportemos provas das nossas afirmações não fazem a mesma exigência a Si mesmos. Presume-se que o ceticismo secular seja razoável porque está amplamente difundido, não porque é bem fundamentado. Devemos simplesmente insistir que o debate seja justo. Se o cristão precisa apresentar provas, o outro também precisa.

Agora, se Jesus conquistou nossa confiança com seu amor autêntico e seu poder sobre a morte, então sua visão das coisas será padrão para nós.

Qual foi sua posição em relação ao Antigo Testamento?

Qual foi a posição de Jesus em relação ao Antigo Testamento?

Em primeiro lugar, o Antigo Testamento que ele prezava compunha-se dos mesmos livros como o que os protestantes prezam hoje em dia?

Ou será que incluía outros (como os livros apócrifos do período anterior a ele)?

Em outras palavras, será que a Bíblia de Jesus era o Antigo Testamento hebraico, com os mesmos trinta e nove livros do Antigo Testamento protestante?

Temos de considerar o testemunho recíproco que Jesus deu da Bíblia — a princípio, é claro, o Antigo Testamento, a parte das Escrituras que existia na época. Que os livros que ele tinha em mente abrangiam toda a "Bíblia hebraica" fica, creio eu, claro a partir de duas referências do Novo Testamento: primeiro, da sua alusão, em Lucas 24.44, à "Lei de Moisés, os Profetas e os Salmos", pois essa era a maneira de referir-se às três partes da estrutura das Escrituras judaicas — a "Lei", os "Profetas" e os "Escritos" (nos quais os Salmos tinham um lugar de destaque); e, em segundo lugar, da sua alusão a "todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias" [Mt 23.35], já que o sangue de Abel é mencionado no começo de Gênesis (4.8), o primeiro livro da Bíblia hebraica, e o de Zacarias perto do fim de 2Crônicas (24.21), o último livro das Escrituras judaicas.

Portanto, se a Bíblia de Jesus era o mesmo Antigo Testamento que nós protestantes usamos hoje em dia, podemos passar à pergunta: Como ele o considerava?

1) Ao citar o Salmo 110.1, ele disse que Davi falou pelo Espírito Santo: "O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo...". (Mc 12.36).

2) Em sua controvérsia com os fariseus quanto à interpretação deles do Antigo Testamento, ele opôs a tradição dos anciãos ao mandamento de Deus que se encontra na Escritura: "Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição!" (Mc 7.9).

3) Quando respondeu aos fariseus sobre o problema do divórcio, referiu-se a Gênesis 2.24 como algo "dito" por Deus, apesar de as palavras serem do narrador bíblico e não uma citação direta de Deus: "O Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe" (Mt 19.4, 5).

4) Ele faz uma declaração explícita sobre a infalibilidade em João 10.35: "A Escritura não pode falhar".

5) Uma afirmação explícita da inerrância do Antigo Testamento é feita em Mateus 22.29: "Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus". Conhecer as Escrituras nos previne do erro.

6) Repetidas vezes Jesus usa o Antigo Testamento como uma autoridade que precisa ser seguida: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra" (Mt 5.17, 18; veja 26.54, 56; Lc 16.17).

7) Jesus repreendeu os dois discípulos na estrada para Emaús por serem "nescios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram" (Lc 24.25).

8) O próprio Jesus usou o Antigo Testamento como uma arma com autoridade contra as tentações de Satanás: "Jesus, porém, respondeu: Está escrito..." (Mt 4.4, 7, 10).

A diversidade desse testemunho e sua difusão por todo o material dos evangelhos mostra que o Senhor Jesus considerava o Antigo Testamento uma autoridade confiável, um guia inerrante em nossa busca da felicidade permanente. Por isso nós, que nos submetemos à autoridade de Cristo, também queremos nos submeter à autoridade do livro que ele tinha em tão elevada estima.

A autoridade do Novo Testamento

E o que dizer do Novo Testamento? Poderíamos elaborar uma longa argumentação histórica em favor da inspiração e infalibilidade dos livros do Novo Testamento, mas daremos apenas indicações que podem fundamentar nossa confiança de que o Novo Testamento tem a mesma autoridade e confiabilidade que o Antigo.

1) Jesus escolheu doze apóstolos para terem autoridade como seus representantes na fundação da igreja. No fim da sua vida ele lhes prometeu: "O Espírito Santo [...] vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito" (Jo 14.26; 16.13).

2) O apóstolo Paulo teve uma conversão impressionante, de uma vida de assassinar cristãos para uma vida de fazer cristãos, que exige uma explicação especial. Ele diz que ele (e os outros apóstolos) foram comissionados pelo Cristo ressurreto para pregar "não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito" (1Co 2.13). Em outras palavras, a predição de Cristo em João 14.26 estava sendo cumprida nessa inspiração.

3) Pedro confirma isso em 2Pedro 3.16, colocando os escritos de Paulo na mesma categoria dos escritos inspirados do Antigo Testamento (2Pe 1.21).

4) Todos os escritos do Novo Testamento vêm daqueles primeiros tempos de revelação especial prometida, e foram escritos pelos apóstolos e seus acompanhantes chegados.

5) A mensagem desses livros tem "o som da verdade". Tanta realidade faz sentido. A mensagem da santidade de Deus e nossa culpa, por um lado, e da morte e ressurreição de Cristo como nossa única esperança, por outro — esta mensagem concorda com a realidade que vemos e com a esperança que anelamos e não vemos.

6) Finalmente, como diz o Catecismo, "A Bíblia evidencia a Si mesma como Palavra de Deus, pelo caráter celeste da sua doutrina, a unidade das suas partes e seu poder para converter pecadores e edificar santos".